

Páginas em Combate: a imprensa operária como fonte e o jornal *A Plebe* na Greve Geral de 1917

Pages in Struggle: The Labor Press as a Historical Source and the Newspaper A Plebe during the 1917 General Strike

Livia Eduarda Ferreira da Silva

Universidade Federal do Piauí (UFPI) - Mestranda
eduardalivi800@gmail.com

João Paulo Charrone

Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Doutor
jcharrone@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho aborda a importância da imprensa como fonte histórica e objeto de estudo, focando na história da imprensa operária brasileira no início do século XX. Tradicionalmente, os jornais tinham a função de informar, formar opinião pública e mediar relações de poder. Contudo, a partir da Escola dos Annales, a historiografia passou a utilizá-la para entender o imaginário sociais e as práticas políticas, superando o foco exclusivo em documentos oficiais. O texto enfatiza que o jornal não é neutro e imparcial, mas nele há um campo de lutas cheio de intenções políticas e econômicas. Desse modo, o historiador deve adotar uma postura crítica, analisando o contexto de produção, os silêncios, estratégias discursivas e etc. Um ponto central é a diferenciação entre a “grande imprensa” burguesa e a imprensa operária e libertária. Esta última atuava como uma contra-narrativa, visando a conscientização, a denúncia da exploração capitalista e a mobilização da classe trabalhadora, sendo crucial para a Greve Geral de 1917. Para a análise da imprensa operária, serão utilizados os jornais *A Lanterna*, *A Voz do Trabalhador* e *A Plebe*. Além dos jornais, será utilizado teóricos como, José D’ Assunção Barros (2023), Edilene Toledo (2007), Tania Regina de Luca (2008), entre outros.

Palavras-chave: jornais, imprensa operária, fonte histórica.

Abstract: This paper addresses the importance of the press as a historical source and object of study, focusing on the history of the Brazilian workers’ press in the early 20th century. Traditionally, newspapers had the role of informing, shaping public opinion, and mediating power relations. However, starting with the Annales School, historiography began using it to understand social imaginaries and political practices, moving beyond the exclusive focus on official documents. The text emphasizes that the newspaper is not neutral or impartial; it’s a field full of political and economic struggles. Thus, the historian should take a critical stance, analyzing the context of production, silences, discursive strategies, and so on. A key point is differentiating between the bourgeois ‘mainstream press’ and the workers’ and libertarian press. The latter acted as a counter-narrative, aiming at awareness, denouncing capitalist exploitation, and mobilizing the working class, being crucial for the 1917 General Strike. For the analysis of the workers’ press, the newspapers *A Lanterna*, *A Voz do Trabalhador*, and *A Plebe* will be used. Besides the newspapers, theorists such as José D’Assunção Barros (2023), Edilene Toledo (2007), Tania Regina de Luca (2008), among others, will also be used.

Keywords: newspapers, workers’ press, historical source.

Introdução

O cenário político e social do Brasil no início do século XX, passava por mudanças, potencializadas pela emergente industrialização, a urbanização e a expansão dos movimentos sociais. Nesse sentido, a imprensa estabeleceu-se não apenas como um meio de comunicação, mas como um espaço de disputa ideológica e mediação das relações de poder. A renovação metodológica da historiografia promovida pela Escola dos Annales alterou os paradigmas. A partir disso, o jornal deixou de ser visto apenas como um veículo de informação e passou a ser compreendido como um objeto capaz de revelar práticas políticas, mexer com o imaginário social e carregado de tensões de uma determinada época.

Partindo do pressuposto de que nenhum veículo de comunicação é neutro ou imparcial, a imprensa deve ser encarada como um verdadeiro campo de lutas, atravessado por interesses econômicos e intencionalidades políticas. Para o historiador, ao pesquisar a imprensa é necessária uma abordagem metodológica crítica e rigorosa. Investigar o documento jornalístico requer ir além da superfície do texto, decifrando suas estratégias discursivas, suas redes de sociabilidade, suas escolhas editoriais e, fundamentalmente, os seus silêncios. É sob esse olhar atento que se torna possível diferenciar a atuação da chamada “grande imprensa” burguesa daquela desenvolvida pela imprensa operária e libertária do período.

Enquanto os jornais maiores refletiam os interesses das elites e contribuíam para a manutenção da ordem vigente, os periódicos operários surgiram como uma contranarrativa dessa hegemonia. A imprensa alternativa além de trazer notícias, buscou conscientizar os trabalhadores, trazia denúncias acerca da exploração capitalista e mobilizações dos operários. Os impressos exerceram um papel crucial na eclosão e na sustentação de marcos históricos da luta trabalhista no Brasil, a exemplo da Greve Geral de 1917.

Para analisar esse conjunto bibliográfico, este estudo recorre a uma abordagem qualitativa, centrada na análise crítica da produção historiográfica sobre os mundos do trabalho, além da análise do jornal anarquista *A Plebe*. Primeiramente, discute-se o jornal como fonte e objeto da história, estabelecendo os pressupostos teóricos e metodológicos necessários para a análise crítica da imprensa. Em seguida, o foco volta-se para a imprensa operária, abordando o surgimento, os objetivos e o papel pedagógico e político desses periódicos no seio da classe trabalhadora. Na sequência, analisa-se a figura de Edgard Leuenroth, destacando sua trajetória como jornalista, militante anarquista e articulador de relevante peso na imprensa libertária brasileira. Por fim, apresenta-se uma análise detida do jornal *A Plebe*, observando suas pautas, estratégias discursivas e contribuições para o movimento operário do período.

Diante disso, o trabalho tem como objetivo analisar a atuação e o impacto da imprensa operária brasileira nas primeiras décadas do século XX. Para tanto, o corpus documental desta pesquisa é constituído pelos jornais *A Lanterna*, *A Voz do Trabalhador* e *A Plebe*, fundamentais para a compreensão do pensamento anarquista e sindicalista da época. A análise dessas fontes será respaldada pelo diálogo com um referencial teórico especializado na história da imprensa e do movimento operário, destacando-se as contribuições de autores como José D’Assunção Barros (2023), Edilene Toledo (2007) e Tania Regina de Luca (2008), entre outros que auxiliam na decodificação desse rico patrimônio documental.

O jornal como fonte histórica

Dentro da sociedade, os jornais, como vimos, sempre exerceram diversas funções. Além de compartilhar notícias e informações do dia a dia, desempenharam o papel na formação de opiniões públicas, na construção de discursos, ideologias e etc. A imprensa durante a história também serviu como meio de educação, além de servir como um instrumento intermediário entre a população e o poder hegemônico, seja fortalecendo esse poder, seja contestando-o. Além do mais, os periódicos têm sua função de entretenimento e cultural, moldando os valores, os símbolos, e representações da sociedade.

O uso da imprensa como objeto de estudo e sua utilização como fonte ocorreram a partir das indagações feitas pela Escola dos *Annales*, a partir do desejo de se estudar novas fontes. Desse modo, o historiador que antes ficava apenas transcrevendo e narrando fatos atrelados ao pensamento positivista com os novos estudos marxistas e *Annales* passaram a ter mais voz e o uso da imprensa como objeto de estudo foi crucial para o entendimento do pensamento e do imaginário social de certas épocas. Sendo assim, Kreniski e Aguiar destacam que:

Sendo assim, o estudo da imprensa vem se constituindo num dos elementos fundamentais para a reconstrução da história, que através do seu intermédio pode aproximar-se das práticas políticas, econômicas, sociais e ideológicas dentro dos diversos setores que compõem uma sociedade de forma dinâmica. Dessa maneira a imprensa tornou-se uma fonte rica e diversificada de conhecimentos, não apenas para construção de uma história da imprensa, mas abrindo a historiografia para outras possibilidades de estudo fugindo assim da historiografia tradicional. (Kreniski e Aguiar, 2011, p.2-3)

No Brasil, até a década de 1970 os trabalhos com jornais como fonte eram escassos, no entanto, a imprensa e a circulação de jornais no Brasil eram significativas. Dessa forma notava-se a importância dos impressos para a escrita da História, mas havia uma relutância quanto à movimentação para a escrita da História por meio da imprensa. Isso se dava por conta do receio ao novo e o apego às tradições que imperavam desde o século XIX e início do século XX, no qual os documentos estatais eram a principal fonte, por carregarem uma certa verdade dos fatos. “Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (De Luca, 2008, p. 112).

Essa prática historiográfica transformou-se no final do século XX. Segundo José d’Assunção Barros (2023, p. 33) na historiografia os periódicos se tornaram importantes fontes documentais por possuírem um “caráter realista”. A denominação “realista” se dá pelo fato de que sua intenção é mostrar aos leitores discursos referentes à realidade e, não porque mostram a verdade ou a realidade pura. Sendo assim, a utilização da imprensa como fonte não pode ocorrer distante do seu contexto social em que está inserida, por ser uma ferramenta que atinge diretamente a vida social das pessoas.

Diante disso, o historiador ao se deparar com o jornal como fonte histórica deve adotar uma postura crítica a essa realidade que é expressa nos textos jornalísticos. “Ao ler as fontes jornalísticas de um outro tempo, precisamos aprender a ler nas entrelinhas, perceber os seus

silêncios, os seus entre ditos e interditos” (Barros, 2023, p. 18). É fundamental conhecer o seu contexto de produção, circulação e os interesses por trás da veiculação de certas informações.

Os jornais são instrumentos e campos de lutas, ocultando interesses políticos e sociais que podem ser desvelados através da análise do seu discurso, que se tornam particularmente interessantes para os historiadores que pretendem abordá-los ou como objetos de estudo, ou como fontes históricas para o estudo de temáticas diversas. Sem que seja preciso dar como exemplo o caso mais óbvio e gritante das manipulações e distorções, não há nada de neutro na mais simples escolha encaminhada pelo jornal acerca do que informar, de quando informar, de como informar. (Barros, 2023, p. 33)

Assim como os locais de produção e seus respectivos contexto, o produtor de um texto tem um papel crucial na forma como a sua mensagem vai ser recebida e interpretada pelos seus leitores. O texto presente no jornal é o resultado de um trabalho coletivo, atravessado por muitas hierarquias que afetam o seu conteúdo final. Sendo assim, o jornalista escreve tanto para o seu superior – que detém o controle editorial – quanto para o público cujas reações e interpretações também têm impacto sobre a imagem e os interesses do proprietário do jornal. Dessa forma, nota-se que dentro da produção de um jornal há uma disputa discursiva. (Barros, 2023, p. 41-43)

Outro aspecto que evidencia a influência que um jornal pode exercer é através do destaque que é dado a determinados conteúdos em uma matéria jornalística. A escolha do título, da posição física, do tamanho da manchete revela as intenções daquele jornal. “O editor de um jornal costuma pensar estas estratégias discursivas jogando com a posição das diversas matérias, e em certas ocasiões essa prática pode atender a objetivos políticos muito precisos” (Barros, 2023, p. 79).

Historicamente, o jornal sempre exerceu um papel de força política significativa, sendo capaz de influenciar os rumos das decisões públicas e de tentar moldar a opinião social em diferentes contextos. Por ter esse poder persuasivo, em diversos momentos da história, parte da imprensa passou por cooptação e se tornou uma ferramenta de dominação ideológica de regimes autoritários. Dessa forma, o jornal atuou como instrumento de legitimação de poder de governos ditatoriais. Segundo José d’ Assunção Barros (2023), alguns exemplos da cooptação de meios de comunicação se deu durante a ditadura de 1964 no Brasil, na ocasião o jornal *O Globo* aderiu e apoiou o golpe militar. O jornal *O Estado de S. Paulo* inicialmente apoiou a ditadura, mas ao longo do tempo passou a sofrer censura e de “aliado” se tornou “alvo” de perseguição.

Portanto, analisar o jornal como fonte histórica requer métodos específicos, como entender como o discurso atual com o contexto temporal em que é lido e produzido. É considerar não apenas o conteúdo das matérias, mas também o contexto em que foram escritas, os sujeitos envolvidos em sua produção e os efeitos pretendidos e alcançados por sua circulação. Outro método é “através da autoimagem: o retrato que o jornal produz de si mesmo – ou a sua “escrita de si”, por assim dizer” (Barros, 2023, p. 92), ou seja, os seus editoriais, posicionamentos ideológicos, temas que aborda ou que silencia. Essa autoimagem não ocorre de forma neutra, sua construção é estratégica e visa moldar sua autoridade e seu papel na sociedade, bem como as relações que estabelece com seus leitores.

Por fim, segundo Barros (2023) é importante analisar o conjunto de textos presentes no jornal. Se é dotado de textos polifônicos, a linguagem adotada, as seções e como estas são distribuídas e o uso de imagens. Esse último ponto dá abertura para novas metodologias que podem ser utilizadas na análise desses conteúdos imagéticos, como fotos que são dirigidas, a técnica de revelação da foto, a relação de uma foto que é posta ao lado de um texto.

Analisar a série de fotos, que se constrói como narrativa, envolve um conjunto de procedimentos específicos que não se reduz à análise da imagem que se apresenta isoladamente, ou como mero acompanhante de um texto. Enquanto isto, se temos a cargo de nossa análise outros tipos de discursos iconográficos – tais como os desenhos ou charges – existem obviamente recursos mais específicos que pautam cada um destes gêneros de imagens, e estes precisarão ser recuperados pelos historiadores que os analisam. (Barros, 2023, p. 95)

Diante disso, constata-se que os jornais são fontes importantes para o trabalho dos historiadores. No entanto, assim como qualquer outro tipo de fonte, é necessário um olhar crítico e um cuidado ao analisar tais documentações. Isso se deve pelo fato de que os jornais se apresentam como portadores da “verdade” e da “realidade”, mas, por outro lado, suas narrativas são carregadas de intenções a partir daquele que escreve e/ou edita aquilo que é noticiado. Além disso, os jornais sofrem influências políticas, ideológicas, econômicas e etc., comprometem a suposta neutralidade e imparcialidade que costuma autodeclarar. Sendo assim, uma leitura atenta, contextualizada e dotada de um pensamento crítico é fundamental não só para o pesquisador, mas também para o leitor comum no dia a dia.

Jornais operários: vozes e lutas da classe trabalhadora

Nessa perspectiva os jornais operários e libertários possuem uma finalidade diferente da “grande imprensa”, leia-se jornais de grande circulação. Sua finalidade era difundir seus ideais políticos, ideologias que estavam ligadas a movimentos operários, anarquistas, comunistas e socialistas. Outro fim era na articulação das mobilizações da classe trabalhadora, o que facilitava a comunicação desses movimentos. Esses jornais também se configuraram como o principal meio de crítica ao Estado burguês e ao sistema capitalista, neles continham denúncias que procuram trazer, a partir de seu campo ideológico, conscientização aos leitores. Dessa forma, a imprensa alternativa surgia não apenas como instrumento de resistência dos grupos sociais marginalizados, mas também como uma contra-narrativa à imprensa burguesa hegemônica, que atuava em defesa dos interesses do poder dominante.

Desse modo, os jornais operários foram fundamentais para a mobilização e organização de muitos movimentos pelo país, “os jornais publicados pela imprensa operária anarquista eram, em geral, produzidos por operários que escreviam para operários, circulavam de forma rápida, de mãos em mãos, muitas vezes distribuídos na porta de fábrica” (Sargentini, 2008, p.42). Essa circulação eficiente contribui diretamente para os acontecimentos da Greve Geral de 1917, tornando esses periódicos os principais instrumentos de articulação, denúncia e mobilização da classe trabalhadora.

Segundo Marques (2013, *apud* Gawryszewski, 2009, p. 42) a imprensa operária, principalmente a que seguia os princípios do anarquismo, veiculava críticas a Primeira Guerra

Mundial (1914-18), a exploração dos padrões, as instituições religiosas e a concentração de renda na mão de poucos. Em contrapartida, as publicações defendiam a distribuição equitativa de riquezas, a liberdade individual, o pensamento libertário, entre outros.

Nos jornais operários era comum a utilização de recursos visuais como estratégia para chamar atenção dos leitores. Imagens, charges e fotografias desempenhavam um papel fundamental na comunicação, funcionando como transmissor de mensagens e facilitava na maior propagação da informação alcançando até mesmo aqueles trabalhadores com um menor grau de escolaridade. Segundo Azevedo (1996):

Os discursos e imagens libertárias ao mesmo tempo que forneciam elementos para a construção de um imaginário violento e ameaçador, por seu caráter incisivo e vibrante, procuravam neutralizar e defender-se, expressando seus ideais de harmonia e libertação. Tanto este aspecto duplo de pacifismo e violência encontrado nas imagens anarquistas, quanto o conflito de classes no qual se localizavam, eram tensões constituintes deste imaginário, reforçando-se a necessidade de sua permanência. (Azevedo, 1996, p. 119)

As figuras que os jornais traziam recorriam aos estereótipos para representar os personagens sociais e políticos, como atores, políticos, líderes religiosos, entre outros. Através desse recurso, criava-se uma imagem negativa dos grupos dominantes, reforçando a crítica aos abusos, explorações, opressões e desigualdades sociais. Além disso, essas representações ajudavam na identificação do trabalhador com o movimento operário e fortalecem vínculos entre os operários.

Os anarquistas procuravam integrar as diversas camadas sociais às suas discussões, partindo do pressuposto de que apenas o acesso universal e igualitário ao conhecimento poderia viabilizar a constituição de uma sociedade autenticamente libertária. Nessa perspectiva, a educação assumia um papel central como instrumento de emancipação frente às múltiplas formas de opressão social, incluindo aquelas baseadas em classe, gênero e raça (Clemente e Ricon, 2024, p. 5). Nesse sentido, a imprensa operária também foi importante na educação dos trabalhadores, sendo um dos pilares fundamentais da transformação social almejada pelos anarquistas. Segundo Toledo:

[...] acreditavam que o caminho para a transformação da sociedade era a transformação das pessoas pela educação e pela propaganda. Nesse esforço em favor da educação, a imprensa era o principal meio de expressão das ideias, pois se tratava do único veículo de grande alcance (Toledo, 2017, p. 72)

Os anarquistas viam a educação oferecida pelo Estado como alienante para a classe trabalhadora. Essa crítica se intensificava diante da constatação de que o ensino estatal, muitas vezes estruturado em moldes religiosos e autoritários, pouco contribuía para a emancipação dos indivíduos. Dessa forma, a maneira de ensinar dos revolucionários, segundo eles próprios, era baseada na ciência, indo contra o modelo imposto na Igreja que desde o século XIX delineou os ensinamentos na educação. A solução, portanto, seria a construção de um saber técnico, científico e integral, que despertasse a criticidade e a liberdade dos operários (Galhardi, 2024, p. 10).

Além disso, a educação libertária não se restringia à escola tradicional: ela também se manifestava em espaços alternativos de aprendizagem, como os centros culturais operários. A

proposta revolucionária seria uma educação que articula a teoria e a prática, construindo assim uma sociedade pensante e igualitária.

Nesse contexto, os jornais exerceram um importante papel na educação libertária. Um exemplo significativo foi o periódico *A Lanterna* que possuía um caráter bastante anticlerical. Segundo Bilhão (2016) o jornal teve três fases. Criado em São Paulo e sob a direção de Benjamin Motta, teve um grande alcance em sua primeira fase, chegando a ser distribuído não só em São Paulo como em outros estados do país. Na sua segunda fase Edgard Leuenroth assumiu a direção do jornal que persistiu até 1916. A sua terceira fase também foi dirigida por Leuenroth perdurou até 1935. Embora não fosse abertamente declarado um jornal anarquista, a *Lanterna* expressava uma crítica contundente aos partidos eleitorais e à religião, entendida por seus editores como um instrumento de alienação dos trabalhadores. Além disso difundiam o ensino racionalista e baseado na Escola Moderna que defendia a emancipação da classe trabalhadora.

Outro importante periódico da época foi *A Voz do Trabalhador*. Esse jornal tinha como diretor o militante Manoel Moscoso. Criado no Rio de Janeiro, a partir das discussões durante o Primeiro Congresso Operário Brasileiro em 1906.

A Voz do Trabalhador foi fundamental na divulgação das ideias anarquistas e nas críticas à exploração do trabalho. O periódico, “não se intitulava com o rótulo de anticlerical, como outros jornais anarquistas, porém fazia duras críticas à Igreja de Roma” (Marques, 2013, p. 40). Para os editores, a religião servia como forma de iludir os operários com mentiras e falsas promessas.

Na sua primeira fase, o jornal destacou as condições operárias vividas pelos trabalhadores no Rio de Janeiro, sendo porta-voz dos trabalhadores na denúncia contra abusos patronais. As más condições nas fábricas eram constantemente expostas em seus textos, que responsabilizavam os patrões pelos frequentes acidentes de trabalho. O jornal encerrou sua primeira fase em 1909 e voltou a circular em 1913.

Na nova fase o jornal seguiu a mesma linha editorial adotada no seu período inicial, porém recebeu diversas críticas por não cumprir com seu objetivo de se tornar um jornal de caráter nacional, uma vez que continuava priorizando majoritariamente notícias do Rio de Janeiro. Uma mudança presente na nova era foi a maior regularidade nas publicações, agora marcada por um tom mais militante. Os textos buscavam provocar a indignação dos trabalhadores, com objetivo de criar consciência de classe e incentivar revoltas.

No entanto, novamente houveram obstáculos que interferem na continuação do jornal, tal situação refletia os desafios enfrentados pela imprensa operária como um todo, constantemente ameaçada pela censura, pela escassez de recursos e pela hostilidade das elites políticas e econômicas.

O jornal *A Plebe*, surgido em 1917 em meio a greve geral, teve como idealizador o anarquista Edgard Leuenroth. Esse jornal nasceu como substituto do jornal *A Lanterna* que saiu de circulação por um tempo.

A estratégia dos editores de *A Plebe* foi muito inteligente, pois, se por um lado era preciso garantir que o público leitor de *A Lanterna* continuasse lendo *A Plebe*, por outro, era preciso arregimentar novos leitores. Daí a aparente contradição de Leuenroth que por um momento afirma: “*A Plebe é a própria A Lanterna*”, e depois rompe completamente com o periódico anticlerical, afirmando que, além de *A Plebe* surgir com

uma “nova feição”, possui uma “esfera de ação mais vasta”, de “mais amplos horizontes”. (Gonçalves, 2004, p. 3)

Sendo assim, além de reconquistar seu antigo público, o novo *A Lanterna* buscava ampliar seu alcance, apresentando-se como um jornal aberto à luta contra todas as formas de exploração, e não mais restrito apenas à crítica à Igreja. “Os ideais que os movem desde o surgimento do jornal são: “combate às tiranias” e “defesa do direito dos oprimidos” para preparar as bases da nova sociedade sustentada no comunismo libertário”. (Gonçalves, 2004, p. 4)

Uma das estratégias adquiridas pela *A Plebe* foi usar a Revolução Russa (1917) como exemplo nas mobilizações das greves brasileiras, pois foi um acontecimento que deu esperanças para muitos militantes. Havia também denúncias de crimes cometidos por patrões e pelo Estado e de desigualdades sofridas pelos operários. Essas táticas serviam como forma de sensibilizar e causar revolta nos leitores e como consequência aderissem às greves, mobilizações, comícios e etc.

Em meados de outubro de 1917 o jornal sofreu forte repressão pelo Estado, no contexto de crescente tensão social e mobilização operária, especialmente após as greves e manifestações ocorridas naquele ano e só retornou em 1919. Na sua reestruturação, as denúncias contra a polícia se tornaram mais recorrentes (Santos, 2013, p. 52). Os editores defendiam a leitura como uma importante ferramenta educacional e, por meio dela, os jornais traziam não apenas imagens, como já foi mencionado anteriormente, mas também poemas que incentivaram a luta operária e promoviam reflexões sobre as violências e injustiças cometidas pelos patrões.

Portanto, pode-se concluir que os jornais operários desempenharam um papel primordial na educação e na formação política dos trabalhadores durante o início da Primeira República (1889 -1930). Mais do que meios de comunicação, a imprensa operária foi um instrumento de resistência e mobilização social capaz de articular discursos contra hegemônicos em meio a um período de intensas transformações e injustiças sociais.

Como vimos acima, três periódicos se destacaram nesse contexto: *A Lanterna*, *A Voz do Trabalhador* e *A Plebe*. Cada um deles, a seu modo, contribuiu para a construção da identidade proletária e para a luta de classes. Por meio de múltiplas linguagens esses periódicos penetravam no dia a dia dos trabalhadores facilitando a sua identificação com os temas abordados permitindo uma fácil leitura e identificação do operário para com seus verdadeiros “inimigos”.

Atuaram ativamente na construção de uma consciência coletiva entre os trabalhadores, promovendo valores como solidariedade, resistência e combate às estruturas opressoras do capitalismo. Nesse sentido, a imprensa operária não se limitava a noticiar fatos; ela educava, formava politicamente, incentivava a organização coletiva e fortalecia o sentimento de pertencimento a um projeto de transformação social. Agindo contra a grande imprensa burguesa, esses jornais proporcionaram aos trabalhadores uma autonomia intelectual e política.

Entre linhas e lutas: a jornada de Edgard Leuenroth

A criação dos jornais operários está estritamente ligada à trajetória dos idealizadores. No caso do Jornal *A Plebe*, destaca-se a figura de Edgard Leuenroth (1881 -1968), cuja atuação na imprensa e na luta pelos direitos trabalhistas foi decisiva.

Nascido no interior de São Paulo, em 1881, ainda no Regime Monárquico. Na infância, com a morte de seu pai, sua família se mudou para a capital de São Paulo e morou em um dos bairros mais importantes da luta operária, o Brás. De acordo com Cubero (2006):

Edgard não fez estudos regulares, foi um autodidata; deixou o curso primário para trabalhar como empregado de escritório, balconista de uma lojinha de tecidos, até se tornar aprendiz de tipógrafo, e depois tira dor de provas no jornal O Comércio de São Paulo, onde na convivência com redatores e outros trabalhadores fez o seu aprendizado sobre a vida jornalística. (Cubero 2006, p. 215)

Através disso, Edgar Leuenroth criou seu primeiro periódico em meados de 1897, intitulado *O Boi*, que circulava pelo seu bairro. Na luta dos trabalhadores do século XX, o jornal foi uma ferramenta crucial. Através deste instrumento muitos militantes utilizaram-se desse objeto como forma de organização de movimentos, além de noticiar os acontecimentos, questionar medidas autoritárias e etc. Nesse sentido, Leuenroth “defendeu a imprensa livre e, ao longo de sua trajetória de jornalista engajado, lutou aguerridamente pela liberdade de expressão e pelo livre-pensamento” (Lopreato, 2009, p. 202).

Seus jornais tinham caráter anarquista, lutavam contra as diversas formas de exploração e dominação. Além do jornal “*O Boi*”, o jornalista passou a publicar também no jornal *Folha de Brás*, no qual carregava denúncias que atormentava os moradores do bairro. Leuenroth também praticou o ofício de gráfico e em 1904 criou a União dos Trabalhadores Gráficos, sendo um dos líderes do movimento na cidade de São Paulo (Khoury, 2007, p.119).

Como jornalista, nos anos seguintes publicou em diversos periódicos anarquistas. Em 1909 passou a colaborar no jornal anticlerical *A Lanterna* juntamente com Benjamin Mota. Segundo Khoury (2007), nesse jornal, “criou a coluna “Vida operária”, abrindo espaço, nesse órgão, para questões do trabalhador, cuja emancipação, segundo ele, requer também se liberta do domínio da Igreja”

Nesse mesmo ano, o anarquista participou do Primeiro Congresso Operário Brasileiro (1906), realizado no Rio de Janeiro. Durante o evento, contribuiu para a criação da Confederação Operária Brasileira (COB) e do jornal *A Voz do Trabalhador*, importantes instrumentos de articulação e divulgação das ideias anarquistas no meio sindical. A partir desse momento, sua atuação nos movimentos operários se intensificou, e ele passou a ser reconhecido como um dos principais líderes das organizações trabalhistas da época (Cubero, 2006, p. 216).

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, e, conseqüentemente, o agravamento das condições de vida das camadas mais pobres – aumento da carestia e da precarização do trabalho –, os movimentos operários, que já lutavam desde antes do início da guerra, se intensificou ainda mais. Em decorrência disso, houve o aumento da repressão do Estado contra essas mobilizações. Diante disso, diversos líderes foram perseguidos e importantes veículos da imprensa operária foram fechados, como ocorreu com *A Lanterna*, que foi censurada em 1916.

A partir do desmembramento do jornal *A Lanterna*, surge, em 1917, o periódico *A Plebe*. Jornal fundado por Edgar Leuenroth, com a colaboração de José Oiticica e Astrojildo Pereira. Paralelamente a criação do novo jornal, eclodiram as greves de 1917 em São Paulo, marcadas por forte repressão e mobilização popular. Edgar Leuenroth teve um papel central nesses acontecimentos, sendo reconhecido como um dos principais líderes do movimento. Segundo Khoury:

Por sua enfática participação e liderança na greve, Leuenroth é preso e acusado de promover o saque ao Moinho Santista, feito pelos trabalhadores. Pela forte expressão de *A Plebe* no movimento, sua sede é invadida pela polícia e o jornal é empastelado. Também a Fosp é fechada por determinação do Poder Judiciário. Vários jornalistas são acusados de “conspiração”, por se articular nessa greve e apoiar as paralisações. Entre eles, Julio Mesquita, de *O Estado de São Paulo*, Teodoro Monicelli, de *Avanti!*, Paulo Mazzoldi, de *IL Piccolo*. (Khoury, 2007, p. 124)

Com a prisão de Edgard Leuenroth, Astrojildo Pereira passou a se dedicar às lutas comunistas inspiradas nos ideais da Revolução Russa. Diante disso, coube ao anarquista Florentino Carvalho dar continuidade às publicações do jornal *A Plebe*, muitas vezes utilizando pseudônimos. No entanto, o jornal acabou encerrando suas publicações em 1920.

Após sua libertação em 1921, o jornalista Edgard Leuenroth retomou sua atuação na imprensa operária, contribuindo com os periódicos *A Vanguarda* e *5 de Julho*. No mesmo ano, ele reativou o jornal, *A Plebe*, que permaneceu em circulação até 1924, quando foi novamente interrompido. A terceira fase do periódico teve início em 1927 e se estendeu até o período do governo de Getúlio Vargas, momento em que foi definitivamente encerrado.

Diante disso, nota-se como a trajetória dos periódicos operários — muitas vezes marcada por uma existência efêmera — estavam ligados à vida dos seus criadores, editores e militantes. Nesse contexto, a figura de Edgard Leuenroth, personagem fundamental tanto na resistência por meio da imprensa quanto na mobilização direta nas ruas, consolidando-se como um dos nomes mais expressivos do movimento operário e anarquista brasileiro.

Diante disso, nota-se como a trajetória dos periódicos operários — muitas vezes marcada por uma existência efêmera — estavam ligados à vida dos seus criadores, editores e militantes. Nesse contexto, a figura de Edgard Leuenroth, personagem fundamental tanto na resistência por meio da imprensa quanto na mobilização direta nas ruas, consolidando-se como um dos nomes mais expressivos do movimento operário e anarquista brasileiro.

A seguir, procederemos à análise histórica da Greve Geral de 1917, compreendendo-a a relação com nossa fonte/objeto. Tal enfoque se justifica pela estreita relação entre esse movimento grevista e o conteúdo veiculado pelo jornal *A Plebe*, fonte primária de grande relevância para este estudo. Nesse sentido, a leitura crítica das postagens e publicações do periódico permitirá identificar as formas de mobilização, denúncia e resistência expressas pela imprensa operária anarquista, bem como a maneira pela qual o jornal atuou como instrumento de articulação ideológica e política junto às camadas trabalhistas da época.

Páginas de luta: o jornal *A Plebe* sob análise

A análise da Greve Geral de 1917 – iniciada na cidade de São Paulo a partir do jornal *A Plebe* – permite acessar não apenas os registros factuais do movimento, mas sobretudo as formas pelas quais a classe trabalhadora buscava construir sentidos para sua própria luta. Como um periódico pertencente à imprensa operária anarquista, *A Plebe* não se limitava a relatar os acontecimentos: atuava como agente político na disputa por narrativas, mobilizando palavras, símbolos e valores que visavam fortalecer a identidade coletiva dos grevistas e radicalizar sua ação. Nesse sentido, esse jornal constitui uma fonte privilegiada para compreender os modos

de enunciação, representação e resistência de parte dos setores subalternos em um contexto marcado por intensificação da repressão, precarização do trabalho e efervescência das lutas sociais.

Nascido no contexto da Greve Geral de 1917, o jornal *A Plebe*, de circulação semanal, publicou diversas matérias relacionadas à paralisação promovida pelos operários na cidade de São Paulo. Em seu primeiro editorial, intitulado “Ao que vimos: Rumo à revolução social”, o jornalista Edgard Leuenroth esclarece os propósitos do novo periódico, destacando que este surge como uma continuidade do antigo jornal *A Lanterna*, porém com ênfase em novos temas e propostas voltadas à intensificação da luta social. Na segunda página da mesma edição, ainda que com menor destaque gráfico, Leuenroth retoma a questão do desmembramento de *A Lanterna*, com um texto voltado aos leitores do antigo jornal.

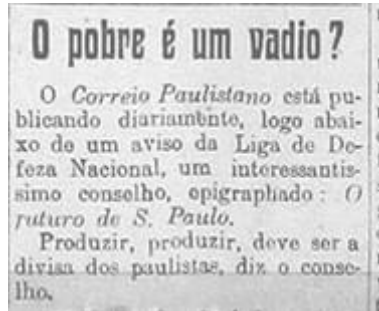


Figura 1 - Aos amigos e antigos assignantes da < A Lanterna >

Fonte: *A Plebe* (09/06/1917) Ano I - Ed Nº 1, p. 2

Diante disso, observa-se que a intenção dos editores era reafirmar a continuidade política e a parceria ideológica entre os dois jornais. Eles expressam o desejo de preservar a relação com os antigos leitores, ressaltando que *A Plebe* representaria um aprofundamento dos compromissos anteriormente assumidos por *A Lanterna*. O trecho evidencia, ainda, o caráter coletivo do novo periódico, voltado à difusão do pensamento libertário e à articulação das lutas operárias. Dessa forma, torna-se evidente que o jornal não se limitava a informar a partir da suposta narrativa da “neutralidade”, mas se configurava e se auto afirmava como um instrumento político de combate, concebido por e para os trabalhadores.

Figura 2 - O pobre é um vadio?



Fonte: A Plebe (09/06/1917) Ano I - Ed Nº 1, p

Essa união entre os dois periódicos é evidenciada no editorial anteriormente destacado. O texto, que ocupa a capa do jornal, torna claro o principal objetivo de *A Plebe*: a conscientização de classe e, a posterior, libertação dos trabalhadores, pela luta contra todas as formas de exploração. Trata-se de um posicionamento político explícito, que reafirma o compromisso do jornal com a causa operária e com a construção de uma sociedade baseada em princípios libertários. O texto intitulado: *O pobre é um vadio?* Escrito por Benjamin Mota – fundador do jornal anticlerical “A Lanterna” – após os discursos feitos pela “grande imprensa” e sua indignação quanto a isso. No entanto, cabe destacar a análise de Piovezani (2019) que discorre,

O efeito de indignação de Mota decorre de sua posição ideológica, a partir da qual concebe as relações sociais no sistema de produção capitalista. Mas, dada a força de dizeres hegemônicos, ela não impede que a crítica materialista carregue ecos da desqualificação de quem pretende defender: “De que serve ao nosso caipira o seu esforço em derrubar as matas ou capoeiras e plantar roças de milho e feijão, se ele, analfabeto e ignorante, vê-se forçado a vender por vil preço a sua mercadoria”. A referência à condição de “analfabeto e ignorante” não torna inviáveis o reconhecimento da inteligência do povo pobre na sequência de sua análise e a condenação da repisada formulação do veículo conservador da imprensa paulista: (Piovezani, 2009)

Portanto, apesar de criticar e expor as injustiças cometidas da burguesia para com os trabalhadores, Mota não deixa de trazer em seu discurso influências da classe dominante – mesmo que sua intenção seja acabar com esse pensamento – ao se referir aos trabalhadores como, “analfabetos”, “caipira”, “ignorante” e etc. Embora, o autor em certos e em poucos momentos expõe a inteligência e força dos trabalhadores. Retomando o título da segunda parte do periódico, o pobre é vadio? Mota critica a ideia da época que defendia que o trabalhador era pobre por conta incompetência e destaca que a imoralidade estaria na burguesia que explora e exhibe sua riqueza derivada e sustentada pela grande parte pobre da população.

A Plebe já vinha denunciando o agravamento das condições de vida da classe operária nos meses anteriores à greve. Em suas páginas, criticava-se abertamente o custo de vida, a exploração patronal e a violência policial, criando um ambiente de tensão e iminência.

Figura 3 - “O operariado de São Paulo parece despertar para a luta”.



Fonte: A Plebe (09/06/1917) Ano I - Ed Nº 1, p. 3

O título acima revela o entusiasmo e a expectativa da militância diante do crescimento das mobilizações operárias, ao mesmo tempo em que marca um momento de ruptura e a necessidade emergencial de construção de uma consciência de classe entre os trabalhadores. Essa leitura pode ser reforçada pelo trecho destacado a seguir:

Os trabalhos nesse sentido prosseguem e é de esperar que, no mais breve tempo possível, o proletariado de S. Paulo possa dispor de uma potente organização de luta para fazer frente com vantagem aos miseráveis que, pavoneando-se estupidamente com títulos e comendas comprados a peso de ouro, vão acumulando fortunas colossais à custa de indefesas crianças, de pobres mulheres, da velhice alquebrada e de uma multidão de homens a quem a miséria continua do seu triste viver amorteceu a noção da dignidade e da altivez. Oxalá, pois, que o movimento promissor, agora em início, ganhe o devido vulto tão rapidamente quanto a gravíssima situação exige. (A Plebe, São Paulo, 1917, ano 1, nº 1, p. 3)

Além de abordar as questões nacionais e em especial do estado de São Paulo diretamente relacionada à realidade do operariado brasileiro, *A Plebe* destinava parte de suas páginas à divulgação de notícias internacionais, principalmente aquelas relacionadas às lutas operárias e aos movimentos revolucionários em curso em outros países. Ao noticiar greves, protestos e revoluções ocorridas em outros países, demonstra o compromisso com os princípios anarquistas internacionais, que entendiam a classe trabalhadora como um grupo unido por interesses comuns. *A Plebe* procurava não apenas informar seus leitores, mas também inspirá-los, apresentando exemplos concretos de resistência e organização popular. Dessa forma, o jornal ampliava o horizonte político dos trabalhadores brasileiros, reforçando a ideia de que a transformação social não era um projeto isolado, mas parte de uma luta coletiva mundial.

Na matéria intitulada “Revolução Russa”, publicada na edição de *A Plebe* do dia 16 de junho de 1917, o jornalista Antônio Candeias Duarte, sob o pseudônimo de Hélio Negro, apresenta a Revolução Russa como consequência direta de uma catástrofe provocada por um regime perverso, fundamentado na propriedade privada. No mesmo texto, o autor também dirige severas críticas à guerra em curso, evidenciando a perspectiva anarquista do periódico ao denunciar tanto o militarismo quanto às estruturas socioeconômicas que sustentavam o conflito.

Figura 4 - A grandiosa epopeia russ



Fonte: A Plebe (30/06/1917), ano 1 - Ed. nº 4, p. 2

Retomando o debate sobre a Revolução em curso na Rússia em 1917, o jornal *A Plebe* utiliza o termo “epopeia” para caracterizar o movimento revolucionário, reforçando a ideia de que os atos organizados pelos trabalhadores russos constituíam um acontecimento glorioso e transformador. O texto apresenta uma análise mais aprofundada sobre as causas das rebeliões, destacando a atuação dos conselhos operários como elementos fundamentais na organização política e social da classe trabalhadora. Além disso, a publicação de uma carta do anarquista francês Jean Grave evidencia, mais uma vez, a importância atribuída pela imprensa operária à militância internacional.



Fonte: A Plebe (30/06/1917), ano 1 - Ed. nº 4, p. 1



Fonte: A Plebe (23/06/1917), ano 1 - Ed. nº 3, p. 1

As charges constituíam um recurso recorrente nos jornais revolucionários e representavam uma das principais estratégias utilizadas por *A Plebe* para engajar seus leitores. As imagens publicadas mantinham estreita relação com os temas abordados em cada edição, funcionando como uma forma de síntese crítica e visual dos conteúdos tratados. Segundo Santos (2013) “a imagem, sendo uma fotografia ou um desenho, representava um ponto alternativo para prender a atenção do leitor, ou para fazê-lo refletir”. Dessa maneira, as charges e ilustrações assumiram um papel pedagógico e político, contribuindo para a formação de uma consciência crítica entre os trabalhadores.

A Figura 5, intitulada “O Brasil na Guerra” e acompanhada da legenda “O último pedaço de pão”, constitui uma crítica à participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial e aos impactos desse envolvimento sobre a população trabalhadora. A legenda reforça a ideia de miséria e escassez de alimentos vivenciada pelas classes populares. Na imagem, observa-se a figura de um soldado romano, representando a própria Guerra, que se impõe de forma violenta ao retirar o último alimento da mesa de uma família em situação de vulnerabilidade. Essa representação visual denuncia uma das principais consequências dos conflitos armados: o desvio de recursos essenciais da classe trabalhadora para sustentar os interesses da classe dominante.

Na figura 6, nota-se uma representação da morte montada a cavalo. Tal representação refere-se a forma de como a Guerra causa mortes e destruição. A esquerda vários homens caminham em direção a essa morte, enquanto a direita há vários corpos já falecidos. A destruição ao fundo mostra como uma guerra além de matar muitas pessoas, também destrói tudo ao seu redor. A frase “A que vencerá”, traz uma ironia e indica que não só exércitos ou países ganham o conflito, mas a morte sempre será a maior vencedora em uma guerra.

Essas representações evidenciam o posicionamento do periódico *A Plebe* em relação à Primeira Guerra Mundial, compreendida como um conflito entre Estados capitalistas e conduzido pelas elites com o objetivo de manter o controle sobre as classes populares. Para o jornal, os verdadeiros prejudicados pela guerra eram os soldados e os trabalhadores, que sofriam as consequências diretas e indiretas desse processo destrutivo, sendo utilizados como instrumentos descartáveis nos interesses das potências dominantes.

Outra coluna recorrente no jornal *A Plebe* era dedicada à publicação de notícias sobre movimentos operários que ocorriam fora da cidade de São Paulo e, em alguns casos, até mesmo em outros estados brasileiros. O propósito do periódico era ampliar a visão acerca da luta da classe trabalhadora por todo o país. Dessa forma, o jornal contribui para a construção de

consciência coletiva, além de mediar as questões operárias em uma grande escala, fortalecendo a união dos trabalhadores. Segundo Biondi e Toledo (2018),

O movimento de São Paulo teve repercussões no resto do país, embora muitas greves que eclodiram no mesmo período, a partir dos meados de julho, em outras cidades brasileiras, estivessem ligadas nem tanto ao espírito de emulação da greve geral paulistana, mas a motivos e dinâmicas próprias, parecidas com as de São Paulo e até da conjuntura mundial. Certamente, as notícias do estado de rebeldia que a greve geral de São Paulo havia tomado e o sucesso alcançado foi um estímulo para que em outras cidades do país as greves locais se intensificassem, almejando uma solução parecida de afirmação da classe trabalhadora. (Biondi e Toledo, 2018, p. 62)

Essa cobertura demonstra não apenas o papel informativo do periódico, mas também seu envolvimento direto na articulação e fortalecimento das organizações operárias. Ao divulgar e incentivar a participação na FOSP, o jornal reafirmava seu compromisso com a construção de espaços coletivos de organização e resistência, fundamentais para o avanço das reivindicações trabalhistas e para o fortalecimento da identidade e da coesão entre os diversos segmentos da classe operária paulista.

Nesse contexto, no final de agosto de 1917, paralelamente ao processo de reorganização da FOSP, as greves voltaram a ocorrer com frequência, motivadas pelas mesmas reivindicações que impulsionaram os protestos de maio e junho. Isso porque, embora diversos empresários tenham assinado acordos com os trabalhadores em meados de julho, às mobilizações foram gradualmente perdendo força, sem que muitas das promessas fossem efetivamente cumpridas pelos patrões.

Dessa forma, evidencia-se que o jornal *A Plebe* não apenas cumpriu o papel de denunciar os abusos e articular críticas ao sistema burguês, mas também se consolidou como um instrumento de resistência e conscientização diante da forte repressão imposta pelo Estado. A crescente violência policial, interpretada pelos anarquistas como uma retaliação direta às conquistas operárias, demonstra o quanto o controle e a intimidação se tornaram estratégias centrais para frear o avanço das mobilizações. Assim, ao longo de 1917 e nos anos seguintes, tanto a imprensa operária quanto os próprios trabalhadores seguiram enfrentando um cenário de vigilância, censura e repressão, que, apesar dos obstáculos, não conseguiu silenciar por completo as vozes em luta por melhores condições de vida e de trabalho

Considerações Finais

A análise desenvolvida nesse estudo possibilitou compreender a relevância fundamental da imprensa como fonte e objeto historiográfico, evidenciando como a virada metodológica impulsionada pela Escola dos *Annales* e pelas abordagens marxistas transformou a leitura dos jornais no campo da História. Ao superar a perspectiva de pretensa neutra ou factual, a análise dos periódicos revela um campo de disputas políticas, ideológicas e econômicas, onde silêncios, escolhas editoriais e estratégias discursivas atuam como chaves de leitura para o imaginário e a práxis de uma época.

Nesse sentido, a diferenciação entre a “grande imprensa” burguesa e a imprensa operária libertária mostrou-se central. Enquanto a imprensa hegemônica buscava legitimar a ordem estabelecida e desqualificar as mobilizações populares, os jornais operários tornaram-se importantes veículos de contra-narrativa, voltados à conscientização de classe, à denúncia

da exploração capitalista, à difusão do ensino racionalista e à articulação da resistência trabalhadora. Como observado ao longo do estudo, periódicos como *A Lanterna* e *A Voz do Trabalhador* abriram caminhos cruciais para a consolidação desse espaço de imprensa alternativa e pedagógica.

A trajetória de Edgard Leuenroth revela a relação intrínseca entre a militância de rua e a imprensa operária. Sua atuação nas ruas, como líder anarquista, articulador e jornalista demonstra como os jornais operários dependiam profundamente da dedicação militante de seus idealizadores para resistir à escassez de recursos, às invasões policiais, à censura e às constantes interrupções.

Portanto, a análise feita sobre jornal *A Plebe* durante a efervescência da Greve Geral de 1917 comprovou o papel estratégico desse veículo no cenário paulista e nacional. Por meio do uso de editoriais, noticiário internacional, relatos de lutas operárias e recursos visuais como charges pedagógicas e satíricas, *A Plebe* não apenas noticiou os fatos, mas atuou ativamente como agente político e pedagógico na construção de um sentimento coletivo de emancipação e na denúncia da repressão estatal e da violência do capital. Assim, o estudo reacende a importância de resgatar a imprensa libertária como patrimônio documental indispensável para a escrita das histórias dos mundos do trabalho no Brasil.

Referências e fontes

Fontes Hemerográficas

A grandiosa epopeia russa. São Paulo: **A Plebe**, 30 jun. 1917. p. 2.

A Guerra. São Paulo: **A Plebe**, 16 jun. 1917. p. 1.

Aos amigos e antigos assignantes da A Lanterna. São Paulo: **A Plebe**, 9 jun. 1917. p. 2.

O Brazil na guerra. São Paulo: **A Plebe**, 30 jun. 1917. p. 1.

O operariado de São Paulo parece despertar para a luta. São Paulo: **A Plebe**, 9 jun. 1917. p. 3.

Referências Bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. ***O jornal como fonte histórica***. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

BIONDI, Luigi; TOLEDO, Edilene. ***Uma revolta urbana: a greve geral de 1917 em São Paulo***. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.

AZEVEDO, Raquel de. A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927-1937). 1996. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

BILHÃO, Isabel. Imprensa e educação operária: análise da difusão do ensino racionalista em jornais anarquistas brasileiros (1900-1920). Rio Grande do Sul. Revista Educação Unisinos. 2016

Clemente, A. C. do C., & Ricon, L. C. C. (2024). A educação libertária e a imprensa anarquista: uma análise. *Cuadernos De Educación Y Desarrollo*, 16(13), e7021. <https://doi.org/10.55905/cuadv16n13-132>

CUBERO, Jaime. edgar leuenroth, o homem e o militante. Verve, p. 215-220, 2006.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Basanezi. (org). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008 111-153.

GALHARDI, Arthur Monteiro. Educação anarquista e o movimento operário brasileiro no início do século XX [recurso eletrônico]: perspectivas acerca do *Folha do Povo* (1908-1909) e *A Plebe* (1917-1919). 2024. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.

KHOURY, Yara Aun. Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão; (org.). *A Formação das Tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Pág.115-130.

KRENISKI, Gislania C. P.; AGUIAR, Maria do Carmo P. O Jornal Como Fonte Histórica: A Representação E O Imaginário Sobre O “Vagabundo” Na Imprensa Brasileira (1989-1991). ANPUH. São Paulo. p. 1-14, 2011.

LOPREATO, Christina. O (des)encontro do brasil consigo mesmo: ditos e escritos de edgard leuenroth. Verve, v. 15, p. 201-221, 2009

MARQUES, Carlos. A Imprensa libertária: jornalismo operário e resistência anarquista na primeira década do século XX. *Antíteses*, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 855–864, 2013. DOI: 10.5433/1984-3356.2012v5n10p855. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/9680>.

PIOVEZANI, Carlos. A oratória popular na imprensa anarquista brasileira: um estudo de caso do jornal *A Plebe*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 61, p. 1–19, 2019. DOI: 10.20396/cel.v61i0.8654545. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8654545>.

SANTOS, Kauan Willian dos. O jornal *A Plebe*: militância e estratégias de propaganda anarquista no movimento operário em São Paulo (1917 a 1920). Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2013.

TOLEDO, E.. Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 30, n. 61, p. 497–518, maio 2017.